

ASSIM COMO ERA NO ÉDEN

KARINE MENDONÇA

ASSIM COMO ERA NO ÉDEN
vozes das drogas



ASSIM COMO ERA NO ÉDEN
ed. kara

Copyright © 2015 by Karine Mendonça

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Giovani Freitas

Pintura da capa

Sionaide Pereira Coelho

Revisão

Augusto Santos da Cruz

M539a

Mendonça, Karine

Assim como era no Éden: vozes das drogas / Karine Mendonça.

Itajaí (SC): Assim como era no Éden, 2015.

136 p.

1. Jornalismo - narrativa. 2. Ciências Sociais - dependência química. 3. Drogas - reabilitação. I. Título.

CDU 304:615.32-058.7

Ficha Catalográfica elaborada por:

Charles Rodrigues CRB 14°/870

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA ASSIM COMO ERA NO ÉDEN

Rua José Cândido, 598

88305-070 - Itajaí - SC

www.assimcomoeranoeden.com.br

SOMOS TODOS CRIATURAS FRÁGEIS,
BUSCANDO O ÉDEN EM UM MUNDO EM CONFLITO.
A VOCÊS, MEUS OUVIDOS E MEU CORAÇÃO.

*“Erga a voz em favor do mudo,
pela causa de todos os que não podem se defender.”*

Provérbio bíblico

SUMÁRIO

9	Prefácio
	I. QUE NÃO FALTE FÉ
17	Honre Teus Pais
29	Livra-me da Maldição
40	Quebrando o Silêncio
	II. QUE NÃO FALTE ESPERANÇA
53	A Última Queda
68	Infância Perdida
81	As Mulheres da Minha Vida
	III. QUE NÃO FALTE AMOR
97	Minhas Meninas
109	Berço de Ouro
120	Lenda Urbana
135	Posfácio

PREFÁCIO

Um campo aberto.

Tulipas, esguias e formosas. Incontáveis delas, rigorosamente enfileiradas como soldados. O conjunto de pétalas forma um degradê de cores pálidas às intensas:

Branças sem defeito;

Rosas como *collant* de bailarina;

Amarelas como trigo, outras como ouro;

Laranjas semelhantes às cenouras recém removidas da terra;

Vermelhas iguais ao giz-de-cera da criança que desenha corações à mãe;

Vinho como bebida velha.

Uma sequência de flores miúdas, cujos caules são tão finos quanto uma linha, cercam as canelas dos ipês. Ao lado, bromélias desabrocham tímidas como os primeiros raios de sol. O vasto gramado leva ao recanto frutífero. Pelo caminho, os pés descalços interrompem a corrida das formigas. Os olhos são envolvidos pelo azul infinito do céu.

Retomada de fôlego.

Goiabas maduras forram a terra úmida. É mudança de estação. A parreira está prestes a dar à luz. Caquis se exibem no tempo certo.

Há ainda os pássaros com melodias inéditas. Andorinhas, Sabiás e Currecas se unem ao Bigodinho em sinfonia improvisada. Nenhuma nota se perde, os arranjos se encaixam. Até o bater de asas das frágeis borboletas

acompanha o compasso. O curso das águas parece com som de flauta.

As folhas esparramadas e o pulsar do balanço preso à árvore são o convite do vento para uma dança. Os braços deixam o lado do corpo e se movimentam acima da cabeça. Os pés se alternam entre pulos, giros e sapateados. Como um pêndulo de relógio, o tronco balança suavemente de um lado para o outro. Movimentos inéditos. As maçãs do rosto ganham cor de framboesa.

Um longo suspiro.

Sorriso nos lábios.

Há vida neste frágil esqueleto.



Paraíso. Um jardim secreto. Aparentemente inacessível. Onde estão as chaves do portão? Talvez, escondidas por entre as folhas de figueira, amontoadas à entrada. Como uma couraça, o mato tenta encobrir escolhas desacertadas. Impedem o retorno ao Éden.

Qual é o seu fruto proibido?

O paraíso das personagens de “Assim como era no Éden: vozes das drogas”, foi trocado por ervas e cana-de-açúcar: apropriaram-se dos produtos da terra para provocar a própria ruína.

Nove homens, diante de uma jornalista, se propuseram a arrancar, uma a uma, as folhas de figueira que os cobriam. Resgataram a chave do passado. Destravaram o cadeado. Voltaram ao jardim perdido. Refizeram os caminhos que os levaram à queda. Tocaram em feridas que ainda precisavam de bálsamo. Tentam construir histórias firmadas na fé, carregadas de esperança e seladas pelo amor – poderoso para cobrir uma multidão de falhas.

Dividido em três partes, o livro narra histórias de dependentes químicos internados pela primeira vez em uma comunidade terapêutica, de reincidentes no tratamento e também de abstêmios, que se dedicam diariamente ao cultivo do jardim, arrancando toda erva daninha que possa

danificar o paraíso reconquistado.

Cada página está carregada por situações quase inacreditáveis. Contudo, não se trata de ficção. São histórias reais que nos rodeiam e agradecem ao bondoso leitor que lhes dedicar tempo e atenção.

P.S.:

Para evitar constrangimentos, os verdadeiros nomes dos personagens foram substituídos por apelidos. O único nome real está no nono capítulo.

Você entenderá o porquê.

I. QUE NÃO FALTE FÉ

HONRE TEUS PAIS

Manhã de primavera. Enquanto ordenhava a vaca cor de caramelo, prena pela primeira vez, os jornais noticiavam as tragédias do dia anterior: morte de um policial e dois civis durante ataque no Afeganistão; queda de caminhão em abismo no Peru deixa 52 vítimas fatais; uma africana sobrevive ao naufrágio de embarcação com mais de 300 tripulantes.

Nenhuma menção à fatalidade de Chuchu.

A notícia chegou de maneira arcaica, aos gritos.

— *Chuchu! Você tem visita* – berrou alguém do pé do morro onde ficava o curral.

Pensou que fosse o pai. Fazia quinze dias que não se viam. No último encontro dominical, pediu laranja, maçã e chocolate para incrementar as quatro refeições diárias. Desceu correndo, meio atrapalhado, calçando botas de borrachas maiores que os pés. Limpou as mãos na calça e a testa, com o antebraço.

Olhou em volta. Buscava o carro do pai, avistou o veículo do primo. Logo foi abraçado pelo parente. Sem sacolas nas mãos, carregava um olhar de velório. Olhos tão vermelhos quanto os de Chuchu na época que fumava maconha.

— *O que aconteceu, cara?* – perguntou, preocupado com o primo, cuja vida invejava: tinha carro próprio, casa, emprego bem remunerado e namorada para compartilhar bons e maus momentos.

O silêncio foi quebrado pelo balançar das folhas das palmeiras ao vento e pelo burburinho dos outros internos. Todos espiavam com os cantos dos olhos. Viram de perto a notícia ser dada feito um coice em Chuchu.

— *Teu pai morreu.*

Infarto agudo do miocárdio aos 59 anos. Osnildo se juntou a média anual de 80 mil vítimas que deixam as famílias por causa do popular ataque cardíaco. Ninguém compreendeu a causa da morte. Teria profanado a santidade de Aparecida ao roçar o quintal de casa no feriado de outubro? Não, não tinha fé para isso.

Naquele dia, só deu descanso aos braços quando o sol fez ninho no horizonte. Tomou um banho, limpou a terra de debaixo das unhas e preparou o jantar. Perto da hora de ir dormir, colocou o saco de maçã, outro de laranja e cinco caixas de bombons na cabeceira da cama de Chuchu, onde ele não dormia há dois meses.

— *A gente não pode se esquecer de levar amanhã no sítio* – reforçou à esposa.

Ao caminhar em direção ao quarto do casal, o coração de Osnildo parou por milésimos de segundos. Caído no chão, Juventina encontrou o companheiro a uma eternidade de distância do amanhã.

— *Quando meu primo me contou, fiquei doído. Não acreditei. Comecei a pensar que era minha culpa, que eu tinha matado meu pai* – lembra Chuchu ao olhar para o nome de Osnildo tatuado em caixa alta no punho direito.

Naquele domingo, Chuchu completava setenta dias de internação na comunidade terapêutica SOS Vida Jovem, em Luís Alves (SC). Foi quando também, por um momento, pensou em desistir dos nove meses de tratamento.

Correu em direção ao morro, no sentido oposto ao curral. Encontrou

refúgio debaixo de um pé de João-bolão. Tinha visão panorâmica do universo a sua volta. Manchou a calça com a frutinha preta. Sufocou outras nas mãos. Lembrou-se da última vez que o pai encarara a BR-470 e os quinze quilômetros da esburacada SC-413 para ver o único filho. Detentor de todo o amor de Osnildo. Bênção da esterilidade dos pais.

— *Perdi tudo. Tudo. Tudo por causa de uma pedra de cinco real.*



Uma a uma, Chuchu deixou rolar as lágrimas pelo rosto sem vida do pai. Debruçado sobre o caixão suspenso na sala, lugar onde cresceu desde os dois anos de idade, tentava lavar a alma da culpa, do remorso, da ingratidão. Na verdade, Chuchu aprisionou pequenas amarguras ao longo do tempo, sentimentos que agora precisavam ser desafogados para a própria sobrevivência e superação.

A primeira memória traumática remete a 1997. Tinha seis anos. Dona Juventina brigara com Osnildo. Era uma daquelas baixarias que criança não entende o porquê dos desaforos ditos aos berros. A melhor saída era correr para debaixo das cobertas e, entre soluços, esperar os ventos se acalmarem. Mas não demorou até despontar a próxima discussão. O motivo era o jejum forçado do pai. A mãe deixara Osnildo o dia todo sem comida.

Em meio à agitação, o filho pequeno embarcou na tempestade. Acabou naufragando.

— *Sempre fui muito ligado com meu pai, então mandei a mãe calar a boca. Ela me deu um tapaço, escorreguei e bati cá cabeça no fogão. Desde essa época, fiquei com um pouco de raiva dela – lembra Chuchu com o olhar perdido no tempo.*

A raiva criou raízes ainda mais profundas quando começou a frequentar a escola. Ele tinha uma pontada de inveja dos cadernos dos colegas. Não pelo

desenho da capa, mas pelo conteúdo. As brochuras dele eram um conjunto de espaços em branco, perguntas sem respostas e um medo diário de receber o título de “o burro da classe”.

Chuchu não se lembra de uma única vez em que a mãe o tenha envolvido em um abraço de urso, melecado seu rosto com beijos e feito a simples pergunta: *como foi na escola?*

De acordo com o Ministério da Educação, mesmo que os pais não saibam resolver as equações de matemática, o interesse em acompanhar a vida escolar dos filhos serve como estímulo para progredirem na escalada do conhecimento.

O filho de Juventina avançou alguns poucos degraus. Abandonou o percurso no primeiro ano do ensino médio. Ele faz parte dos quase 7 milhões de jovens entre 15 e 19 anos que desistiram da escola. Entretanto, Chuchu não atribui toda culpa à mãe. Se o pai não tivesse sido um homem de duros sermões e atitudes frouxas, talvez as coisas tivessem sido diferentes.

— *Meu filho, não desiste dos estudos! Tens futuro, o pai vai pagar tua faculdade.*

— *Não pai, meu negócio é pegar pesado. Estudar pra ficar de boa num escritório, igual os primos, na frente do computador e no ar condicionado, não é pra mim – sentenciou, sem nunca ter suado a camisa em um dia de trabalho.*

— *Até parece, guri! Tu ficou fazendo força, todo magrelo, vai pegá é uma hérnia ainda!*

Como se os conselhos estivessem anotados em folhas de papel, Osnildo amassava-os e jogava um a um no lixo. Passou a mão na cabeça do filho para cada decisão imatura. Assinou o passaporte de Chuchu para uma vida desregrada. Não que essa fosse a intenção. Não, não, não. Mas o sábio Salomão, antigo rei de Israel, há muito tempo apontou para o equilíbrio entre amor e correção: o pai deve repreender ao filho a quem quer tanto bem.

— *Se tivesse levado umas surras, talvez eu não fosse assim, tão errado. Não sei...*



Até hoje Chuchu não se conforma em ter largado a amizade dos primos. Eles eram como unha e carne. Parceiros de aventuras no mato e galopes nos rodeios. Quando se deu conta, já tinha trocado as parcerias da infância pelo coleguismo da rapaziada que também abandonara a escola.

Na adolescência, passava o dia inteiro na rua. Pegava o ônibus e desembarcava no colégio Victor Meirelles. Lá na frente, esperava pelas meninas que perseveravam nos estudos. Encostado no muro verde-abacate, corrente de prata em volta do pescoço, som de rap no alto-falante do celular e um cigarro de maconha entre os dedos. Fumava sem receio em plena luz do dia.

— *Mas como foi que você começou a fumar maconha? Foi assim, do nada?* — questionei intrigada.

— *Amizade, né? Um vem, pá, olha aqui. Não quer fumar um? E prá fazê mala, a gente acaba fumando. No começo, só fumava o que me davam. Depois, comecei ir prá bocadas.*

As bocas de fumo seguem a lei da oferta e procura. Só que você não pode passear por entre as prateleiras e decidir com calma o produto que mais lhe agrada. Não há mostruário. As mercadorias ficam escondidas. Chegou, falou, pagou e levou. Mas é na hora do pagamento que os traficantes aproveitam para apresentar uma nova oportunidade de negócio. Irrecusável. Afinal, quem frequenta as bocadas *precisa* de algo a mais.

— *Ei, tenbo essa parada aqui das boa. Mas é das boa mesmo, mano, pra tu dá um teco. Cinco gramas, vinte pila.*

— *Que parada é essa, irmão? Eu só de boa, velho, curto essas coisas, não.*